



# A fauna do Novo Mundo e o dealbar da alimentação científica na Europa<sup>1</sup>

*The New World's fauna and the rise of rational nutrition in Europe*

ALEXANDRA DE BRITO MARIANO

Universidade do Algarve  
Algarve – Portugal



**Resumo:** As preocupações médicas com o equilíbrio alimentar remontam à Antiguidade, mas apenas a partir do século XVII o assunto começou a ser questionado de modo mais científico e preciso. Dois médicos holandeses de renome, Luís Nunes (1553-1645) e Willem Piso (1611-1678), estudaram esta questão e legaram-nos tratados de inquestionável relevância historiográfica. Destacamos, em particular, *Ichthyophagia sive de piscium esu commentarius* (“Ictiofagia ou comentário sobre uma alimentação piscívora”, Antuérpia, 1616) e *De Indiae utriusque re naturali et medica. Libri quatuordecim* (“Sobre a Índia e sua história natural e médica”, Amesterdão, 1658). A defesa de uma dieta que incluía o consumo de peixe é transversal aos dois textos, pois ambos fundam um discurso inaugural em defesa de hábitos alimentares equilibrados numa época de profundas mudanças históricas e culturais impostas pelo contacto com as realidades do exótico Novo Mundo. Esta influência é sobretudo evidente na obra de Piso, especialmente nas suas descrições de espécies de peixes endémicas do Brasil.

**Palavras-chave:** História da Ciência; Nutrição; Neolatim

**Abstract:** Medical concerns with feeding balance goes back to Antiquity, however only from the 17<sup>th</sup> Century onwards this matter began to be questioned in a more scientific and precise way. Two renowned Netherlands's doctors took up this issue, Luís Nunes (1553-1645) and Willem Piso (1611-1678). They left us treaties with unquestionable historiographical relevance. We are especially concerned with *Ichthyophagia sive de piscium esu commentarius* (“Ichthyophagy or comment on a piscivorous food”, Antwerp, 1616) and *De Indiae utriusque re naturali et medica. Libri quatuordecim* (“About India and its natural and medical history”, Amsterdam, 1658). The promotion of a diet that includes the consumption of fish is therefore an issue transversal to both texts because both of them substantiate an inaugural discourse in defence of balanced eating habits in an era of profound historical and cultural change imposed by contact with the realities of the exotic New World. This influence is particularly evident in the work of Piso, especially in his descriptions of fish species native to Brazil.

**Keywords:** History of Science; Nutrition; Neo-Latin

## 1 Humanismo e medicina

As relações complexas (e por vezes conturbadas) entre o humanismo e a medicina, desde o século XIV até ao século XVIII, têm vindo, recentemente, a receber destacada atenção por parte dos investigadores. Com o desenvolvimento da imprensa, nomeadamente depois de 1470 (relembremos curiosamente que o primeiro livro editado em território nacional foi o *Pentateuco*, impresso em caracteres hebraicos, em Faro, no ano de

1487), criaram-se redes de contacto entre os estudiosos, sistema que permitiu e promoveu o alargamento da Europa esclarecida. A partir do século XV, em particular, as inovações e avanços do humanismo invadiram o conhecimento médico.

Com efeito, a difusão no Ocidente de um grande número de antigos manuscritos médicos gregos da autoria de Hipócrates e Galeno, entre outros, possibilitou o emergir de uma medicina esclarecida e o incremento do ensino médico nas universidades. Preferia-se a leitura dos físicos gregos, de ordinário em tradução latina, em detrimento dos textos dos físicos árabes medievais,

<sup>1</sup> Este trabalho retoma um artigo de 2007. Cf. referências.

alegadamente bárbaros. A profissão ganhou uma cor humanista e uma nova autoconsciência que se reflectiu na criação de colégios de físicos por todo a Europa. Estes colégios, pelo tipo de ensino aí praticado, distinguiram os seus membros, todos latinistas se não conhecedores do grego, e todos academicamente bem treinados, dos médicos e cirurgiões que praticavam a profissão de uma forma empírica, e que por esta razão eram encarados com reserva.

O sentido medieval de guilda (também implícito na palavra *universitas*), que se fundava na existência de um aprendiz e em trocas secretas, manteve-se de certa forma nestes círculos, nomeadamente na medida em que o treino médico compreendia simultaneamente uma aprendizagem teórica e prática, mas em contrapartida os remédios e curas não eram tratados como segredos. A formação recebida por estes médicos predisponha-os fortemente a manter uma segura cautela intelectual e a resistir a determinadas práticas, que a tradição instituíra como habituais, tais como curas mágicas e encantamentos. Em muitos centros o treino era explicitamente filosófico no sentido de convocar a lógica e a dialéctica (daí a atribuição do grau “doutor em medicina e filosofia” em universidades do norte da Itália, por exemplo). O ensino procurava, ainda, incutir nos alunos a percepção da diversidade da natureza e dos múltiplos factores que deviam ser tidos em conta numa determinada doença.

Pese embora o facto de o humanismo falar uma nova linguagem, as culturas do humanismo e da medicina iriam enriquecer-se muitíssimo uma à outra durante os séculos seguintes. Médicos e humanistas partilhavam um interesse profissional pelos textos antigos, de Lucrecio a Dioscórides – não esquecendo o facto de utilizarem o latim como forma de incrementarem a sua capacidade argumentativa. O humanismo tinha, com efeito, pretensões de curar por meio da poesia, da retórica e da filosofia moral e era comum que médicos/físicos e humanistas esclarecidos coexistissem muitas vezes na mesma pessoa. Girolamo Fracastoro (sífilis, séc. XVI), Girolamo Cardano (febre tifóide, séc. XVI) e Conrad Gessner (zoologia, séc. XVI) são alguns dos nomes mais distintos. No entanto, por outro lado, subsistia algum cepticismo em relação à medicina em autores como Petrarca, Montaigne e Molière, por exemplo. Na verdade a ligação que se vai operar entre a medicina e o humanismo ao longo dos séculos será difícil e complexa, mas ainda assim, sem dúvida, profícua para ambos.

A medicina esclarecida interagiu, pois, não apenas com o latim, com o grego com o humanismo vernacular, mas também com outros discursos igualmente esclarecidos como o direito, a teologia e a filosofia, e as artes, e estes saberes, por seu lado, eram fertilizados

pelo “humanismo”. A ligação dos físicos humanistas ao mundo das artes é um exemplo incontroverso. Bastaria para tal relembra o papel que estes autores desempenharam enquanto responsáveis por livros de anatomia, de botânica e de história natural ricamente ilustrados e decorados.<sup>2</sup>

Numa época em que nunca se falou tanto da importância da alimentação no contexto duma educação para a saúde, os livros que irão merecer a nossa atenção revestem-se de importância inquestionável; há ainda que enfatizar o seu valor patrimonial e relevância historiográfica. São obras que inauguram a defesa científica de hábitos alimentares equilibrados, alicerçando um discurso inovador, numa época de profunda mutação histórica e cultural, imposta pelo contacto com as realidades exóticas do Novo Mundo.

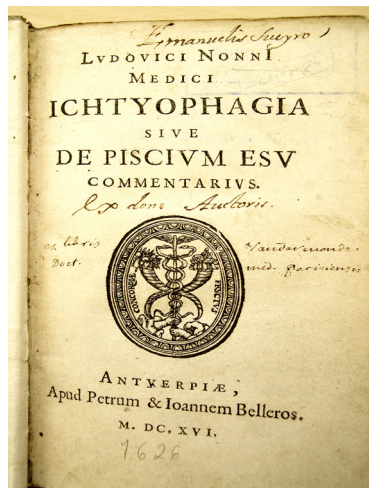
Luís Nunes e Willem Piso,<sup>3</sup> médicos de renome internacional, originários dos Países Baixos, deixaram-nos tratados que integram hoje o Fundo Antigo da Biblioteca Municipal de Tavira. Referimo-nos, designadamente, a duas obras do século XVII: *Ichthyophagia sive de piscium esu commentarius (Ictiofagia ou comentário sobre uma alimentação piscívora)*, publicado em Antuérpia no ano de 1616 – exemplar único referenciado nas bases bibliográficas publicamente acessíveis do nosso país – e *De Indiae utriusque re naturali et medica (Sobre a Índia e sua história natural e médica). Libri quatuordecim*, editado em 1658 em Amesterdão.<sup>4</sup> Deste último existe também uma cópia microfilmada na secção dos Reservados da Biblioteca Nacional (BNP).

<sup>2</sup> Um exemplo lapidar é *De humani corporis fabrica (Sobre a organização do corpo humano)* – uma das mais importantes obras da história da medicina ocidental – da autoria de Andreas Vesalius (1514-1564), professor na Universidade de Pádua, que aplicou à anatomia os métodos desenvolvidos pelos académicos humanistas do Renascimento. Cf. <<http://archive.nlm.nih.gov/proj/flash/vesalius/vesalius.html>> Estudo incorporado excelente. Todos os URL foram acedidos em junho de 2011.

<sup>3</sup> Willem Pies, em neerlandês; Guilherme Piso, outra designação comum em português.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.botanicus.org/title/b12081152> A primeira parte, da autoria de Piso, denomina-se *Historiae naturalis & medicae Indiae Occidentalis. Liber quinque*. A secção do livro terceiro, que diz respeito aos peixes, ocupa as páginas 47 a 74. A obra tem como co-autores Georg Marcgraf (1610-1644), parte 2: *Tractatus topographicus & meteorologicus Brasiliae, cum observatione eclipsis solaris...* (39 p.) e Jacob Bondt (1592-1631), parte 3: *Historiae naturalis & medicae Indiae Orientalis libri sex...* (226 p.).

*Ichthyophagia sive  
de piscium esu*  
(1616)



*De Indiae utriusque  
re naturali et medica*  
(1658)

## 2 Enquadramento histórico-biográfico

Luís Nunes – de quem o amigo Rubens nos deixou o retrato que se encontra presentemente na *National Gallery* britânica<sup>5</sup> – nasceu em Antuérpia em 1553, obteve o grau médico em Lovaina em 1557 e estabeleceu-se na sua terra natal. A família Nunes fora viver para Antuérpia em 1550 e o pai de Luís, Álvares Nunes, judeu sefardita e também ele médico, exercera clínica privada na cidade durante cerca de trinta anos. Podemos, portanto, englobar os Nunes no grupo de médicos judeus de ascendência portuguesa que, após o édito de expulsão promulgado por D. Manuel em 1497, trocaram Portugal pela Holanda e foram responsáveis pelo forte impulso que a medicina recebeu nesta cidade a partir do século XVI e seguintes.<sup>6</sup> Em 1620 tornou-se co-fundador da primeira sociedade médica do sul da Holanda, o *Collegium Medicum Antuerpiense* e quando faleceu, em 1645, deixou uma vasta obra em latim, composta essencialmente por tratados de medicina e de ciências naturais, bem como algumas obras poéticas.

Willem Piso nasceu em 1611 na cidade holandesa de Leiden e em comum com Luís Nunes tem a formação médica e a região geográfica onde trabalharam, os Países Baixos. Piso estudou medicina na sua cidade natal e depois em Caen, na Normandia, onde viria a completar a escola médica em 1633, regressando nesse mesmo ano à Holanda, para praticar medicina em Amesterdão. Durante o período da ocupação holandesa do nordeste brasileiro, entre 1630 e 1654, em pleno século de ouro da cultura e poderio holandês, foram vários os homens de ciência que se deslocaram à América do Sul, revelando à curiosidade europeia, no seguimento das suas viagens, aspectos da fauna, flora, clima e doenças do Brasil – Willem Piso inscreve-se neste grupo. Partiu para o Recife, em 1637, após ter sido nomeado para o cargo de físico particular

do governador da colónia holandesa do Brasil, o conde João Maurício de Nassau, filho do monarca Guilherme de Orange, e muito provavelmente partilhou a viagem com outros cientistas, designadamente com o astrónomo, cartógrafo e naturalista alemão Georg Marcgraf.<sup>7</sup> É sob a égide de Nassau, de 1637 a 1644, que floresce o período mais próspero desta ocupação tumultuosa. O seu governo logra pacificar a colónia, reorganiza a administração, revitaliza a cultura do açúcar – móbil maior da ocupação – e oferece protecção às ciências, às letras e às artes. Piso priva de perto com o Conde, exerce medicina e faz numerosos estudos de patologia tropical, tornando-se precursor na descrição das “boubas” dos indígenas. Em 1644, quando Maurício de Nassau é exonerado do seu cargo, acompanha-o de regresso aos Países Baixos. Estabelece-se primeiro em Leiden e mais tarde em Amesterdão onde viria a destacar-se como membro da

<sup>5</sup> Ver <http://www.nationalgallery.org.uk/paintings/peter-paul-rubens-portrait-of-ludovicus-nonnius>

<sup>6</sup> Sobre a comunidade judaica sefardita, cf. Nabais 2006: 101-105.

<sup>7</sup> Para alguns estudiosos assistente de Piso, cf. Papavero 2010: 143. O naturalista, também conhecido por Markgraf e Marcgrave, nasceu em 1611 em Liebstadt (Saxe). Em 1636 partiu para Leiden e um ano depois para o Brasil. Sabe-se que construiu um observatório no Recife e que exerceu medicina. Fez inúmeras expedições a várias zonas da colónia holandesa com o intuito de estudar história natural e recolher informações para um mapa do Brasil. Em resultado do seu trabalho cartográfico, deixou-nos um mapa publicado em 1647 por Caspar Barlaeus (1584-1648). Destacou-se, igualmente, por contribuições nos campos da zoologia e da botânica. As suas descrições foram utilizadas por vários homens de ciência do séc. XVIII como, por exemplo, John Ray, Buffon, Johann Friedrich Gmelin ou Carl von Linné. Faleceu na Nova-Guiné em 1644 de um acesso de febre. Apesar de ter morrido muito jovem, a qualidade dos seus trabalhos e observações valeu-lhe ser considerado como o explorador mais importante do Brasil no século XVII. Foi o primeiro naturalista que publicou descrições e figuras de peixes com o rigor suficiente para permitir que fossem especificamente identificados. Apesar de muitas destas imagens serem ainda algo grotescas, a maioria possuía os traços que as tornavam reconhecíveis e um considerável número de peixes brasileiros que reproduziu foram mais tarde inseridos na classificação de Linné.

comunidade científica e onde mais tarde vem a falecer, corria o ano de 1678.

Pese embora a curta duração do domínio político alcançado durante a conquista do Nordeste brasileiro, entre 1630 e 1654, pela Companhia das Índias Ocidentais holandesa, os textos dos cronistas e as representações pictóricas dos artistas do conde Nassau reflectiram preocupações reais do Brasil holandês. Por um lado os recursos alimentares variados e saborosos, presentes nas mesas palacianas e abastadas, serviram para a construção de uma imagem convincente do poderio holandês no território, mas por outro a realidade da alimentação da generalidade da população, de escassos recursos, assentava em ingredientes menos ricos e pouco apetecidos. No quotidiano, a dieta alimentar decorria, pois, do poder económico dos indivíduos e, não obstante a quantidade e variedade de produtos comestíveis brasileiros, a Companhia das Índias nunca deixou de enviar para a colónia naus carregadas de mantimentos europeus.<sup>8</sup>

### 3 Apreciação dos testemunhos: dietética e alimentação saudável

A literatura da especialidade<sup>9</sup> utiliza os termos “dietética” e “dieta” genericamente para todas as medidas, alimentares ou não, que visam proporcionar condições óptimas de vida quer a pessoas saudáveis, quer àquelas que se encontram doentes. Neste sentido, são sinónimos de higiene alimentar e estilo de vida. Numa acepção mais restrita, porém, os termos aplicam-se à opção por comidas e/ou bebidas que promovam a manutenção da saúde de uma pessoa saudável, ou restabeleçam a do indivíduo doente. Num sentido ainda mais específico, o termo “dieta” é utilizado para referir os cuidados alimentares com os doentes, consistindo na maior ou menor limitação da comida ingerida e na prescrição de alimentos específicos.

Devido ao incipiente conhecimento científico, particularmente no que se refere à fisiologia do aparelho digestivo e do metabolismo, os princípios teóricos da “dietética”, até meados do século XIX, foram limitados pelo empirismo e encontravam-se fortemente ancorados na intuição, tradição, magia e religião. As inúmeras obras de “dietética” publicadas a partir do século XVII e até ao século XIX, diziam sobretudo respeito à descrição das comidas e bebidas coevas, bem como aos modos da sua preparação. Forneciam, em regra, indicações sobre a forma como estes alimentos beneficiavam a saúde e quais os que deviam ser prescritos ou evitados no tratamento de doenças específicas. Não surpreende, pois, verificarmos hoje que algumas destas prescrições, bem como os princípios “dietéticos” em que se baseavam, são ineficazes e, até, perigosos; por outro lado, outros

há que se mantiveram válidos à luz do conhecimento científico e terapêutico actual, tendo sido confirmados pela investigação posterior.

Luís Nunes é considerado por grande número de estudiosos da especialidade como o fundador da dietética e o primeiro autor a estudar sistematicamente os alimentos de um ponto de vista médico e higiénico. Este estudo, que é iniciado em *Ichthyophagia...*, vai ser continuado pelo próprio dez anos mais tarde na obra *Diaeteticon...*,<sup>10</sup> editada em Antuérpia em 1626, onde recupera, no livro terceiro (o que diz respeito aos diferentes produtos marítimos e fluviais) a problemática da alimentação saudável.

Nesse in-octavo de reduzidas dimensões, verdadeira apologia ictiológica e gastronómica, Nunes defende as vantagens e benefícios de uma alimentação piscívora. Após a introdução, apresenta uma lista de vocábulos em latim, grego, italiano, castelhano, francês e flamengo relativa ao pescado que vai ser objecto da sua atenção. São quatro dezenas de espécies descritas ao longo de quarenta e dois capítulos, atendendo sempre à sua utilidade na dieta quotidiana. Afirma, logo no início, que não será difícil de demonstrar o lugar que o pescado ocupa, seja na protecção da saúde, seja na cura de doenças<sup>11</sup> e inicia, de seguida, a sua apologia com uma citação de Plutarco: “Ora as virtualhas marinhas para além de serem muito agradáveis, são também inofensivas, pois apesar de carnosas, não pesam do mesmo modo que a carne; pelo contrário, são facilmente cozinhadas e digeridas”.<sup>12</sup> Socorre-se, depois, do crédito de Galeno para defender que o peixe é o alimento indicado para pessoas que já não têm uma vida activa, que sejam relativamente débeis ou que estejam a convalescer de alguma doença.<sup>13</sup> Considera, com efeito, que, “se o consumo de peixe acarreta vantagens para a saúde, por que não admitir que uma alimentação nele

<sup>8</sup> Os holandeses reproduziram as práticas dos colonos portugueses: farinha de mandioca seca, carne bovina seca ou salgada dos rebanhos criados no sertão, a carne fresca dos animais conduzidos até ao litoral, os barris de peixe apanhados no mar, lagoas e rios e conservados secos ou salgados. Aderiram também à distinção feita pelos colonos lusos entre víveres frescos, de produção ocasional, e os básicos, que resistiam à degradação. Cf. Papavero 2010: 138-142.

<sup>9</sup> Cf. Lacroix 1996.

<sup>10</sup> *Diaeteticon sive de re cibaria* (4 vols., 1626; 2. ed. 1645). Sobre esta obra, ver Tricot (1996). Para além deste estudo e de *Ichthyophagia...* (Antuérpia, 1616), deixou-nos outros livros de relevo também publicados em Antuérpia na primeira metade de seiscentos: *Hispania, sive de oppidis, fluminibusque veteris Hispaniae, elegantissimus commentarius* (1607; reimpresso no 4º vol. de *Hispania Illustrata*) e *Commentarius in Iulium Caesarem, Augustum Tiberiumque in Huberti Goltzii Graeciam, Insulam et Asiam Minorem* (1620).

<sup>11</sup> *seu sanitate tuenda, sed etiam seu morborum curatione, locum habuisse non erit difficile monstrare* (p. 29).

<sup>12</sup> *Nam & marina obsonia praeterquam quod sint suavissima, maxime etiam sunt innoxia, nam & carnosa sunt, & non perinde ut carnes gravant, sed facile concoquantur & digeruntur* (p. 29).

<sup>13</sup> *Conueniunt iam dicti pisces otiosis hominibus & non robustis, & a morbo conualescentibus* (p. 30).

assente trará benefícios para o nosso bem estar?”<sup>14</sup> No seu entender, argumentos dos mais reconhecidos autores atestam que o peixe é um alimento saudável<sup>15</sup> e, por esta razão, são presença constante as referências a antigos e modernos, homens de ciências e de letras. Citações de Plutarco, Marcial, Columela, Ovídio, Varrão, Valério Máximo, Manílio entre outros notáveis da Antiguidade surgem em paralelo com autores como Galeno ou coevos como Michael Duca, por exemplo. O livro apresenta, inclusive, poemas inteiros em grego, seguidos da respectiva tradução latina que merecem atento estudo. A remissão mais frequente é, no entanto, para Galeno a recordar que a renovação da tradição galénica, iniciada durante o Renascimento, é um elemento importante no desenvolvimento da ciência moderna. A descrição dos peixes que referencia é acompanhada por indicações que remetem para as características físicas da espécie e que definem, também, um determinado enquadramento cultural. Com frequência, como já vimos, Luís Nunes retoma citações de escritores da tradição, fazendo suas as palavras desses autores. Atente-se no exemplo da dourada, peixe habitual nas refeições de hoje. Ao fazer-lhe referência, cita directamente Xenócrates: “A dourada tem a carne branca, firme, densa, de bons humores. De assimilação fácil, alimenta e é facilmente expelida pelo organismo. Entre os iberos e os italianos goza de grande prestígio, desde tempos imemoriais”.<sup>16</sup> O médico respeitava, na realidade, os preceitos da medicina humoral (da referida tradição galénica) seguindo uma prática que se manteve habitual até meados do século XVII. Acreditava que as doenças resultavam de um desequilíbrio perigoso dos fluidos corporais (os humores) e a saúde de um estado de equilíbrio do sangue. Daí a necessidade de evitar todos os excessos de calor e de secura que seriam responsáveis por tornar os humores espessos tornando-os viscosos, assim como obstar a ingestão de alimentos muito frios e húmidos que provocariam a sua excessiva fluidez.

Muito mais haveria a dizer sobre *Ichthyophagia...* que caberá em trabalho de maior envergadura. Trata-se, com efeito, de uma obra cuja importância precursora permite compreender melhor a relevância do contexto pré-científico com que nos deparamos a partir da segunda metade do século XVII. Mas é necessário avançar e, depois duma obra que se ocupa dos peixes atlânticos – ou seja, europeus – o cimélio que receberá a nossa atenção tem a sua génese intimamente associada ao momento histórico da ocupação holandesa do nordeste do Brasil e procura abarcar, obviamente, a fauna marítima austral.

A vasta produção documental de carácter científico e artístico produzida durante a governação de Maurício de Nassau, incluindo gravuras, desenhos, quadros, mapas e inventários da fauna e flora brasileiras, em exemplares ricamente ilustrados, teve uma influência inquestionável

sobre a imagem que a Europa viria a formar do Novo Mundo, nomeadamente sobre o Brasil. A *Historia naturalis Brasiliae*, publicada em Amesterdão em 1648, da autoria conjunta de Piso e Marcgraf, e patrocinada pela Companhia holandesa das Índias Ocidentais, manteve-se como um valioso compêndio de época da fauna e flora do Brasil e foi obra de referência até ao século XIX.<sup>17</sup> Este estudo serviu a Piso para publicar, em 1658, uma versão revista e emendada, a que deu o título de *De Indiae utriusque re naturali et medica*, em cuja primeira parte, no livro terceiro, se abordam temas ictiológicos merecendo por isso a nossa atenção no contexto presente.<sup>14151617</sup>

Refira-se que o facto de Piso ter lançado esta segunda edição com um novo título e exclusivamente em seu nome, bem como o menor cuidado e alguma falta de rigor na utilização de observações de que Marcgraf teria sido efectivamente o responsável, valeram-lhe crítica acerba por parte de Carl Linneu, figura tutelar das ciências biológicas. De facto, cotejando ambas as obras no que aos peixes, em particular, diz respeito é possível constatar que no *De Indiae...*, primeira parte, livro terceiro, Piso recupera e reformula a informação presente na segunda parte, livro quarto da *Historia naturalis...*, da autoria de Marcgraf; também os desenhos são muito semelhantes nas duas obras, passando de coloridos a monocromáticos na primeira edição do livro em que Piso surge como autor único. Uma apreciação sumária e impressionista não deve, porém, ser suficiente para remeter um livro desta envergadura para o catálogo da irrelevância. O *De Indiae...*, tendo em conta que os avanços da ciência nunca são lineares, pode justamente considerar-se um esforço meritório de divulgação, numa altura em que a circulação das obras científicas e os critérios de avaliação dos seus méritos não eram exactamente aqueles que hoje imperam.

A título de ilustração, considere-se o caso de um determinado peixe, a Salema,<sup>18</sup> referida em ambas as obras. As diferenças mais evidentes começam no vocábulo indígena para este peixe, que Marcgraf diz ser *Sallema* e Piso, *Pacu*. Piso tem a preocupação de anotar as designações para o peixe em neerlandês (*Nostrates “Steen-braesem” vocant*), em português (*Lusitanico idiomate “Salema”*) e em latim e grego (*Graecis &*

<sup>14</sup> *Si itaque adeo salubriter pisces degunt, cur non etiam fatebimur, illorum esum nobis salubrem fore?* (p. 33).

<sup>15</sup> *salubrem piscium esu, tot illustrium scriptorum suffragiis probatum* (p. 34).

<sup>16</sup> *Aurata est candidae carnis, solidae, condensae, boni succi, facilis distributionis, alitque, & non difficulter excernitur* 'Nostro etiam aevo inter Hispanos Italosque auitam gloriam egregie adhuc tuetur Aurata' (p. 87).

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.illustratedgarden.org/mobot/rarebooks/title.asp?relation=QH117P571648> e <http://www.botanicus.org/title/b12081164>. A obra influenciou vários autores tal como Linneu, no seu *Systema naturae* (Estocolmo, 1758).

<sup>18</sup> Cf. *Historia naturalis...*, parte 2, lib. IV, pp. 153-4; *De Indiae...*, parte 1, lib. III, p. 53.

*Latinis Salpa dictus*), ao passo que Marcgraf anota apenas o correspondente latino e grego (*Salpa Graecis & Latinis*). Também as referências de autoridade não são totalmente equivalentes; enquanto Marcgraf nomeia os físicos e naturalistas Gesner e Aldrovandi, Piso cita apenas Gesner.<sup>19</sup> Na ficha relativa a este peixe, Piso omite alguns dos traços mencionados por Marcgraf como, por exemplo, o tamanho,<sup>20</sup> o número de estrias do corpo.<sup>21</sup> No entanto, são mantidos traços como a semelhança com o sargo – na tradução: “Assemelha-se bastante ao sargo quer na boca, na cabeça, nos dentes e nas barbatanas; é um tanto diferente na cor e nas estrias cinzentas e douradas que vão da cabeça à cauda.”<sup>22</sup>

Se as informações de Marcgraf a propósito da Salema parecem, à luz da moderna ictiologia, falhas de rigor, com o recurso à imagem a não contribuir grandemente para uma classificação exacta – facto que será, cerca de oitenta anos mais tarde, também preocupação de Linneu<sup>23</sup> – a revisão de Piso, dez anos posterior, não é mais esclarecedora.

Apesar da validade das críticas de que foi alvo, o interesse do trabalho de Piso não deve ser questionado. Na *Historia naturalis Brasiliae*, por exemplo, apresenta um estudo de várias enfermidades, como a doença das Chagas,<sup>24</sup> debruça-se sobre as causas da disenteria e também, questão mais pertinente para o tema deste trabalho, sobre as maleitas físicas provocadas por dietas deficientes. Neste particular, faz interessantes observações acerca da grande incidência de problemas oculares, designadamente da cegueira nocturna, prevalente entre os soldados e população civil da colónia holandesa. Reparando que os nativos não eram afectados por estas afecções, o médico holandês vai atribuir o facto à significativa diferença entre a dieta das duas populações em questão. Enquanto a dieta nativa se baseava essencialmente em vegetais e peixe fresco, esses ingredientes estavam frequentemente ausentes da alimentação habitual dos holandeses. Na primeira parte, livro terceiro, do *De Indiae...* e ao longo de trinta fólhos – onde nos apresenta setenta e sete peixes comestíveis (*edulibus*, p. 47), tanto oceânicos, como fluviais, não exclusivamente brasileiros – a questão da cegueira nocturna é retomada. Conhecida nos meios médicos como *nyctalopia* esta enfermidade caracteriza-se pela incapacidade do olho fazer a adaptação na passagem da luz para a escuridão e na reduzida capacidade de ver com luz fraca ou de noite.

Ao acreditar, como Counihan e Esterik, que “passam mundos entre uma dentada e outra”,<sup>25</sup> vemos no caso vertente um exemplo da interacção que se estabeleceu entre os autóctones americanos da terra brasílica, os habitantes deste Novo Mundo, e os europeus, quer os residentes no Brasil, quer os da Europa continental, onde a obra será publicada e divulgada, vinculados pela comida, mais precisamente neste caso, pelas virtudes

do consumo do pescado. Piso refere expressamente que “rios e mares ricos em peixe convidam as gentes dos seus litorais para uma faina fácil e proveitosa, fornecendo-lhes também, no peixe, um alimento mais delicado e de sangue mais temperado do que o dos quadrúpedes e aves que substitui.”<sup>26</sup> O autor considera, a este respeito, que se trata de alimento muitíssimo agradável e bastante saudável, por não ser nocivo para quem ter febre, tal como foi sua experiência directa e, indirectamente, a de muitas outras pessoas.<sup>27</sup>

O critério de selecção das espécies incluídas na obra baseia-se, portanto, no uso quotidiano<sup>28</sup> e segue preceitos pedagógicos. São descritas as espécies capturadas e celebradas todos os dias pelos pescadores,<sup>29</sup> permitindo ao leitor escolher as da sua preferência ou aquelas que deve rejeitar.<sup>30</sup> A descrição que acompanha a imagem e que caracteriza fisicamente o peixe apresenta muitas vezes, à semelhança do que encontramos na *Ichthyophagia...* de

<sup>19</sup> Conrad Gesner (1516 – 1565), físico e naturalista suíço que se destacou pelas compilações sistemáticas de informações que recolheu sobre animais e plantas. Uma das suas obras de maior nomeada é a *Historia animalium* (1551 – 1587) onde tentou distinguir factos observados de histórias e mitos. Ulisse Aldrovandi (1522 – 1605), naturalista e físico nascido em Bolonha, ficou igualmente conhecido pelas suas anotações rigorosas de animais, plantas e minerais. Existem, porém, ao longo do *De Indiae...*, parte 1, lib. III, referências a outras autoridades como Aristóteles, *Hist. nat.* (p. 50) e Galeno (p. 74).

<sup>20</sup> *piscis in pedalem magnitudinem excrescit, i.e.*, “peixe que cresce até ao tamanho de um pé”, cf. *Historia naturalis ...*, parte 2, p. 153.

<sup>21</sup> *corporis latere secundum longitudinem novem strias flavas seu aureas habet, i.e.*, “de lado, ao comprido, este peixe tem nove estrias amarelas ou douradas”, cf. *id.*, p. 154.

<sup>22</sup> Cf. *De Indiae...*, parte 1, lib. III, p. 53: *Ore autem, Capite, Dentibus & Pinnis Sargo similissimus est; colore tantum & striis illis a capite ad Caudam conspicuis ex argenteo & flavo ab eo differens.*

<sup>23</sup> O recurso às imagens na história de ciência foi uma questão pouco consensual desde a Antiguidade. Escritores médicos e de história natural como Galeno e Plínio-o-Velho (cf. *Nat. hist.*, 25, 2: *Verum & pictura fallax est*) eram seriamente cépticos em relação à sua utilização e valor. Para ambos os desenhos eram enganadores e sedutores, enquanto as palavras eram um meio mais adequado, conveniente e conciso de transmitir, por exemplo, a informação sobre história natural. Idêntica posição assumiu Linneu: “I do not recommend the use of images for the determination of genera. I absolutely reject them – although I confess that they are more pleasing to children and those who have more of a head than a brain. I admit that they offer something to the illiterate [...]. But who ever derived a firm argument from a picture?” Cf. Carl Linneu, *Genera plantarum, eorumque characteres naturales* (Leiden, 1737), fols. §§r-§§v, sec. 13; *apud* Freedberg 2002: 412-3; cf. tb. pp. 393-5. A obra de Freedberg é exemplos na análise da importância das imagens no desenvolvimento da história natural.

<sup>24</sup> *I.e. Trypanosomiasis americana*, causada pelo *T. cruzi*, é transmitida aos humanos pela picada de insectos e endémica na maioria das zonas rurais da América Central e do Sul.

<sup>25</sup> Cf. Counihan & Esterik 1997: 1.

<sup>26</sup> Cf. *De Indiae...: Cum e contra fluvii inclyti atque mare piscosissimum invitent littorales populos; tum quod facilem & quaeuosam piscationem suppedient, tum quod ipsi pisces nutrimentum tenuius & sanguinem temperatorem quam quadrupedes & volatilia surrogent.* (p. 47).

<sup>27</sup> Cf. *De Indiae...: gratissimoque alimento existunt, imo usque adeo salubres judicantur maxima pars, ut ne quidem febricitantibus noceant, sicut ipse multoties aliique mecum experti sunt.* (p. 47).

<sup>28</sup> *pauciora eaque usu quotidiano comprobata contrahere* (p. 47).

<sup>29</sup> *Illos qui a piscatoribus quotidie ad nos deferuntur ac celebrantur* (p. 47).

<sup>30</sup> *vel praeferendi vel postponendi sint* (p. 47).

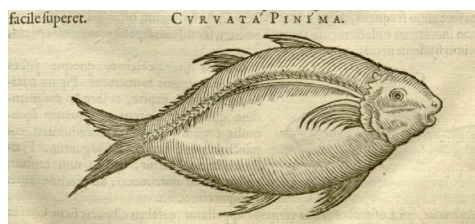
Luís Nunes (obra que não apresenta imagens), indicações curiosas que definem uma selectividade gastronómica e indiciam as interações sociais que acompanham o seu consumo. É possível referenciar dados sobre o tipo de carne, o seu sabor e a forma como deve ser cozinhado um determinado peixe. Vejam-se quatro exemplos de espécies marítimas hoje presentes nas nossas mesas. Destas destaca-se não só o tipo de carne, sabor e qualidades nutritivas, mas também o modo de preparação:

- **Robalo:**<sup>31</sup> “Têm uma óptima carne, de grande brancura”<sup>32</sup> e “É servido à mesa dos grandes ora cozido, ora assado, com grande aparato de condimentos”.<sup>33</sup>
- **Mero** – Cunapú-Guaçu (tupi): “A carne é firme, não seca, de óptimo sabor e alimentícia”.<sup>34</sup>



*De Indiae utriusque re naturali et medica*, parte 1, liv. III, p. 49.

- **Bonito** – *Curvata Pinima* (tupi): “Tem muito boa carne e gordura, e por isso é visto como importante fonte de sustento pelas gentes do mar; é preparado de variadas maneiras, de preferência condimentado com sal e pimenta”.<sup>35</sup>



*De Indiae utriusque re naturali et medica*, parte 1, liv. III, p. 51.

- **Peixe-galo** – *Abacatuiaia* (tupi): “Toda a gente o coze ou frita numa sertã”.<sup>36</sup>



*De Indiae utriusque re naturali et medica*, parte 1, liv. III, p. 55.

Os exemplos apresentados são consistentes com os critérios de preferência que permeiam as apreciações de outros curiosos e naturalistas. Conforme refere Papavero preferiam-se os “peixes de sabor delicado, cor clara, de carnes abundantes e friáveis com poucas espinhas e uma gordura natural que dispensava regá-los com azeite. Tais peixes eram assados. [...] Outros, cujas carnes eram magras, serviam-se fritos ou grelhados com azeite, limão e pimentas nativas. Outros ainda preparavam-se em escabeche com azeite e vinagre.”<sup>37</sup>

#### 4 Notas finais

Característica evidente das duas obras que têm recebido a nossa atenção é a remissão constante para autoridades na matéria em apreço, não só da Antiguidade, mas também mais recentes, evidenciando o conhecimento de textos relevantes para o trabalho desenvolvido e garantindo, desta forma, o rigor científico possível para a época. Quer Nunes, quer Piso, têm ainda a preocupação de estabelecer correspondências linguísticas que servem para potenciar a compreensão do vocábulo a que se estavam a referir e do seu significado, numa tentativa de anular ambiguidades. Piso, no entanto, utiliza o português e o tupi (designado nos séculos XVI e XVII como a “língua geral” ou “língua brasílica” e, modernamente, denominado tupi antigo)<sup>38</sup> que era o idioma maioritário entre os nativos que ocupavam à data quase todo o litoral brasileiro. O facto de a referência às espécies piscícolas partir da nomenclatura indígena evidencia o destaque que o autor confere a esta língua, em detrimento de outras. É importante lembrar neste particular que, ainda que o português fosse a língua oficial na colónia, o tupi

<sup>31</sup> Não é apresentada imagem; para um catálogo ictiológico, ver: <http://www.calacademy.org/research/ichthyology/catalog/fishcatmain.asp>

<sup>32</sup> *optimi albissimaque carne sunt* (p. 74).

<sup>33</sup> *diverso condimentorum apparatu magnatum mensis imponuntur, nunc elixi, nunc assati* (p. 74).

<sup>34</sup> *Carne est solida, non dura tamen, optimi saporis & nutrimenti* (p. 49).

<sup>35</sup> *multaque carne & pinguedine abundat, eaque satis proba, ac proinde magno vitae est sustentaculo maris accolis quocunque modo preparatus, imprimis autem si sale & pipere parum condatur* (p. 52).

<sup>36</sup> *ab omnibus pariter vel coquitur vel frigitur in sartagine* (p. 55).

<sup>37</sup> Cf. Papavero 2010: 145.

<sup>38</sup> Reservou-se o termo “língua geral” para o tupi moderno, também denominado tupi vivo. Cf. Navarro (1998), p. XI. A preocupação do estabelecimento de uma correspondência linguística é também evidente na segunda obra do *De Indiae...*, a de Georg Marcgraf. Por exemplo, logo no primeiro livro, cap. X, apresenta um breve resumo (*De lingua brasiliensium, e grammatica*) da célebre gramática do tupi do jesuíta Anchieta: *i.e. Arte de Grammatica da Lingoa mais usada na costa do Brasil* (Coimbra: Antonio de Mariz, 1595); no cap. XI, pp. 22-24, encontra-se um pequeno dicionário, com os vocábulos tupi mais comuns e a respectiva tradução latina. No livro seguinte, cap. V, pp. 32 a 34 a situação é idêntica, com o chileno. Apresentam-se nomes comuns (por exemplo *Challo acaman*, “Piscator”; *Challua*, “Piscis”), uma lista de verbos e uma lista de numerais. Jacob Bondt, autor da terceira obra, indica os vocábulos referentes aos vários animais em latim, português, malaio (*Malais*) e flamengo (*Belgae*); por vezes também anota correspondências em grego e em árabe.

antigo ou abanheenga era a língua falada e compreendida por todos<sup>39</sup> – aliás, até ao começo do século XVIII, a proporção entre os falantes do tupi antigo e do português será cerca de três para um a favor do idioma indígena. Na verdade, só em meados de Setecentos, com a proibição pombalina, a expulsão dos padres jesuítas dos domínios portugueses, a substituição dos colégios catequéticos por aulas oficiais seculares e a diminuição drástica da população autóctone, se selou o progressivo declínio do uso do tupi antigo e a língua portuguesa começou a estender de forma irreversível a sua predominância.<sup>40</sup> A dado momento, o autor faz, inclusive, a apologia da diferença linguística, numa espécie de defesa do tão propalado multilinguismo, afirmando: “Que o leitor não franza a testa devido a vocábulos inusitados, por muitas vezes diferirem da nossa maneira de falar. Deve pensar, na verdade, que queremos ir mais além do que o Lácio ou a Grécia; e nem já se aceita que povos que povoaram a terra no passado sejam, em exclusivo, guardiães das palavras.”<sup>41</sup>

O facto de não recorrer ao português ou à língua brasílica, para redigir o seu texto, não nos deve causar estranheza. A utilização do latim – a língua em que ambas as obras foram escritas – prende-se com o seu estatuto de língua canónica para a circulação do conhecimento. Naquela época, apesar do uso e eventual predominância dos idiomas vernaculares, o latim era a língua por excelência para a difusão do saber e da ciência do mundo culto ocidental, papel que manteve até bem adentro do século XVIII e tal sucede igualmente no campo da história natural e da medicina. Enquanto língua comum a letrados de diversas proveniências, facilitava as trocas intelectuais e fundava a criação de uma comunidade científica, nivelada pela partilha da mesma língua de adopção.<sup>42</sup> O uso do latim terá certamente contribuído para desenvolver o sentimento de pertença de Nunes e de Piso a uma comunidade científica alargada, mas coesa, numa época de rápido avanço das ciências. Além disso, assegurando ao mesmo tempo a possibilidade de uma circulação mais

alargada, a língua latina poderá ter servido aos autores para atribuir legitimidade científica ao que escreveram que era assim apreciado, discutido internacionalmente e submetido ao crivo de círculos mais ilustrados. Criava-se assim uma verdadeira *respublica medicorum*, de estatuto muito semelhante ao da *respublica literaria*, conforme sugere Ian Maclean, que sem dúvida será responsável pela evolução e avanço que se vai operar nas ciências médicas ao longo dos séculos seguintes.

Em consonância com o espírito da época em que viveram, quer Nunes, quer Piso, interessam-se pelas aplicações práticas da sua ciência. Alguns dos princípios que formulam acerca do que deve ser uma alimentação saudável, mantêm-se válidos hoje em dia. Em especial a necessidade de incluir o consumo de peixe numa dieta equilibrada – preocupação que aliás os portugueses acolhem favoravelmente, visto serem os maiores consumidores *per capita* de pescado da Europa comunitária.<sup>43</sup> Além disso, e como vimos, muitas das espécies piscícolas inventariadas fazem parte do menu e dos hábitos alimentares contemporâneos.

## Referências

- BARBOSA, A. L. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.
- BETHELL, L. (Ed.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge/New York/Melbourne: Cambridge University Press, 1989. Vol. 2: Colonial Latin America. p. 430; 450-451; 524 sqq.
- BOXER, C. R. *The Dutch in Brazil 1624-1654*. Oxford: Clarendon Press, 1957.
- BRUCE-CHWATT, R. M. Ludovicus Nonnius, M.D., 1553-1645. In: *Bulletin of the New York Academy of Medicine: a journal of urban health*, v. 60, n. 9, p. 938-943, 1984.
- COUNIHAN, C.; VAN ESTERIK, P. (eds.). *Food and culture: a reader*. New York/London: Routledge, 1997.
- DIAS, J. A. *Portugal e o mar: importância da Oceanografia para Portugal*. Lisboa: Apenas Livros, 2003.
- FREEDBERG, D. *The eye of the lynx: Galileo, his friends, and the beginnings of modern natural history*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.
- HASKELL, Y.; BROOMHALL, S. Humanism and Medicine: A Match Made in Heaven? In: *Intellectual History Review*, v. 18, n. 1, p. 1-3, 2008.
- HOUAISS, A. (Dir.). *Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. [CD-ROM].
- LACROIX, E. From empirical “dietetics” to rational dietetics. In: *Verhandelingen – Koninklijke Academie voor Geneeskunde van België*, v. 58, n. 3, p. 201-237, 1996.
- LEWIS, C. T.; SHORT, C. *A latin dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- MACLEAN, I. The Medical Republic of Letters before the Thirty Years War. In: *Intellectual History Review*, v. 18, n. 1, p. 15-30, 2008.

<sup>39</sup> Vieira diz-nos em 1694: “É certo que as famílias dos portugueses e índios em S. Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios e a portugueza a vão os meninos aprender á escola.” (*Obras Varias*, I, 249) *apud* Sampaio (1901), p. 13.

<sup>40</sup> Cf. Houaiss 2001 e Stessuk 2006: 97-99. Os povos de raça tupi dominavam também o vale do Paraná-Paraguai e erguiam colónias através dos vales do Araguaya, Tapajós e Madeiras, alcançando o Amazonas, e ainda se encontravam representantes para além das Guianas, no vale do Orinoco, e nas Antilhas.

<sup>41</sup> *Interim non est quod lector frontem corrueat propter insueta auribus vocabula, si a nostra dialecto plerumque abhorreant. Cogitandum enim, nos extra Latium & Graeciam versari; neque solis veteris orbis populis concessum esse voces condere*. Cf. *De Indiae...* (p. 48).

<sup>42</sup> Sobre o latim enquanto língua do saber, cf. Waquet 2002: esp. 81-99.

<sup>43</sup> Segundo valores de 1992-94, o consumo português *per capita* (62 kg/ano) é quase o dobro do segundo maior consumidor, a Espanha (38 kg/ano). Cf. Dias 2003: 3.

- MARIANO, A. B. *Salus maris* ou peixe no menu: notas sobre duas obras latinas seiscentistas da BMT. In: *13º Congresso do Algarve*. Lagos: R.C./Centro Cultural de Lagos, 2007. p. 45-54.
- MARCGRAF, G. *História natural do Brasil*. Tradução de mons. dr. José Procópio de Magalhães, edição do Museu Paulista comemorativa do Cinquentenário da Fundação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo: Museu Paulista/Imprensa Oficial do Estado, 1942.
- NABAIS, J. Medicina e Judaísmo na transição para a Modernidade. In: *Cadernos de Cultura: Medicina na Beira Interior da pré-história ao século XXI*, n. 20, p. 101-105, 2006.
- NAVARRO, E. A. *Método moderno do tupi antigo – A língua do Brasil nos primeiros séculos*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- NUNES, L. *Ichthyophagia sive de piscium esu commentarius*. Antuerpiae: Apud Petrum & Ioannem Belleros, 1616.
- PAPAVERO, Claude Guy. Alegrias e desventuras do paladar: a alimentação no Brasil holandês. In: *Rev. Nutr.*, v. 23, n. 1, p. 137-147, 2010.
- PISO, W. *De Indiae utriusque re naturali et medica. Libri quatuordecim*. Amstelaedami: apud Ludovicum et Danielem Elzevirios, 1658.
- RICON FERRAZ, A. The Portuguese background of Ludovicus Nonnius. In: *Verhandelingen – Koninklijke Academie voor Geneeskunde van België*, v. 58, n. 3, p. 239-250, 1996.
- SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Casa Eclética, 1901.
- SERRÃO, J. *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 1981. p. 373-382.
- STESSUK, S. The establishment of of the portugueses language in Brazil, in contact with ancient Tupi and the african languages. In: *Todas as Letras*, v. 8, n. 1, p. 96-102, 2006.
- TRICOT, J.P. Ludovicus Nonnius (1553-1645) Marrano physician in Antwerp, author of the *Diaeteticon*. In: *Verhandelingen – Koninklijke Academie voor Geneeskunde van België*, v. 58, n. 3, p. 251-269, 1996.
- WAQUET, F. *Latin or the empire of a sign*. London/New York: Verso, 2002.

Recebido: 20 de março de 2011  
Aprovado: 15 de maio de 2011  
Contato: amariano@ualg.pt